



EU GOSTO DAS ARTES MARCIAIS

Por várias vezes tive a oportunidade de ouvir pessoas falarem sobre Artes Marciais, e inclusivamente à uns tempos, num comboio, quando eu falava com um aluno meu sobre aspectos do Jujutsu, fomos abordados por um indivíduo que confundido Jujutsu com Jiu-jitsu, afirmava com arrogância: Jiu-jitsu era o maior! Bastava olhar um pouco para o indivíduo, e não querendo entrar numa visão preconceituosa, via-se com clareza que pela forma de ele falar, pela forma de ele vestir, e de se comportar, que era uma pessoa com baixo nível cultural e que portanto estaria a falar daquilo que não sabia. Alias hoje em dia é o que mais frequentemente se vê, ou seja pessoas a emitirem opiniões sobre áreas, nomeadamente das Artes Marciais, que desconhecem. Desconhecem a realidade, desconhecem os fundamentos, as filosofias, as técnicas e são constantemente bombardeados do exterior por indivíduos que são comerciantes, que vivem pura e simplesmente usando métodos semelhantes a algumas seitas religiosas para fazerem lavagens cerebrais, aproveitando espíritos fracos e ignorantes, a assim angariar seguidores o que lhe permite criarem máquinas de fazer dinheiro e apresentarem produtos comerciais.

Obviamente que estas situações têm consequências e as pessoas que são responsáveis nas Artes Marciais, e que levam as suas actividades a sério devem, devem cada vez mais envolverem-se em um processo de descredibilização destas pessoas, ou então arriscamos a que as AM tornarem-se cada vez mais um fastfood, e um da pior qualidade, onde a “gordura” abunda, falta a “proteína” e de qualidade real, aquela que permite alimentar os alunos, tornando-se o elemento principal e onde o comércio prolifera a par da vaidade, e a valorização de egos são o que sobressai.

Temos de ter consciência que as pessoas que estão à frente das instituições de AM antes de mais devem ser pedagogos e não demagogos. A AM em si, como artes que são de preparação das pessoas, e não como formas somente de expressão plástica, devem ter uma forte e imprescindível componente pedagógica, formativa integral do Ser humano, seja na vertente Do seja na vertente Jutsu.

As AM não existem para produzirem super homens ou super heróis, rambos ou afins, que frequentemente quando são confrontados com situações reais e limites, que não é andar ao estalo, constataam que são ineficientes e cedem, como qualquer um pode ceder, pois há limites que transpostos não podem ser repostos, e quem os passou sabe bem o que falo. Recordo aqui um Alferes conhecido da altura em que fiz serviço militar e que era um grande “cowboy”. Um ano e meio nos crimes violentos e a droga surge para acalmar e apagar as imagens que dilaceravam. Dois anos e um tiro na cabeça.

As AM são antes de mais uma ferramenta de humanização!

Quem teve a oportunidade de contactar, estudar ou somente observar Escolas, como por exemplo, a Katori Shinto Ryu tem uma ideia do que devemos ter no nosso dia-a-dia de trabalho. Esta instituição é uma Escola aberta, pública, e no entanto com um funcionamento tradicional e sério e de grande prestígio, e no seu funcionamento há uma filosofia de trabalho de valorização da paz. Sendo uma organização com uma grelha de trabalho invejável e eficiente, é ponto assente que se recusam à violência, embora dominem as artes de combate, contrariamente ao que hoje está vulgarizado no meio



das Artes Marciais, ou que assim se chamam, frequentemente de forma abusiva. A brutalização a fantasia que é transposta dos filme para o dia-a-dia por pessoas que no seu “delírio” vão cada vez mais perdendo o contacto com a realidade, e onde tentam “corrigir” problemas pessoais, mais ou menos graves, não têm na realidade a ver com as artes marciais. Entendamos que serviço militar é uma coisa, estudo civil das AM é outra.

Tem de haver um esforço sério, cada vez mais interveniente por parte dos responsáveis das AM para separar o trigo do joio. Tem de haver uma vertente científica clarificadora que coloque as AM no seu plano marcial. Se isso não for feito a imagem daqueles que tentam fazer um trabalho sério será claramente manchada e as AM passarão a ser uma palhaçada, no mau sentido do termo, com o devido respeito pelos palhaços que nos alegram e dão ensinamentos sérios em muitos casos.

Antigamente as Escolas e os mestres, ou pretensos mestres que surgiam tinham de viver dentro de um contexto muito selectivo. O risco de alguém entrar porta dentro e colocar a Escola e os responsáveis técnicos perante o desafio, mortal por vezes, de terem de demonstrar a realidade da sua técnica. Este processo de selecção, que hoje é impensável, tinha um lado positivo, que hoje a nossa sociedade através das suas leis, da sua pretensa defesa da dignidade humana, promove a fraude, a mediocridade, e acaba por ter o efeito oposto pois são a violência gratuita e o embrutecimento do carácter do aluno e praticante que será defendido. Exemplo disto é a legislação que sai sobre estas áreas onde o legislador nada sabe ou estão pessoas que pertencendo a lobby a sua motivação é a defesa dos seus interesses pessoais. A cobardia e o amolecimento do carácter das pessoas, a falta de capacidade de discernimento e de decisão são o resultado que é óptimo quando se pretende ter em vez e cidadãos, ter-se carneiros.

Uma ideia que pode transparecer neste tipo de texto é um certo azedume, mas a realidade que motiva este tipo de textos é a consciência da responsabilidade que devemos ter para com aqueles que procuram inocentemente um local para, física, psicológica e culturalmente dar resposta aos seus anseios, às suas necessidades. Se esta consciência irá produzir palavras duras é porque os problemas são graves e meias palavras não servem, ou então estamos no campo das artes marciais mas em algum fórum de “políticos” daqueles que conhecemos. Não há meio golpe. Ele tem de ser decisivo, mortal, separar o trigo do joio e tem de salvar o que há a salvar e penalizar o que há a penalizar. Pachos quentes são terapia, e as Artes Marciais não o são, são intervenção cirúrgica.

Lisboa, 10 de Julho de 2014